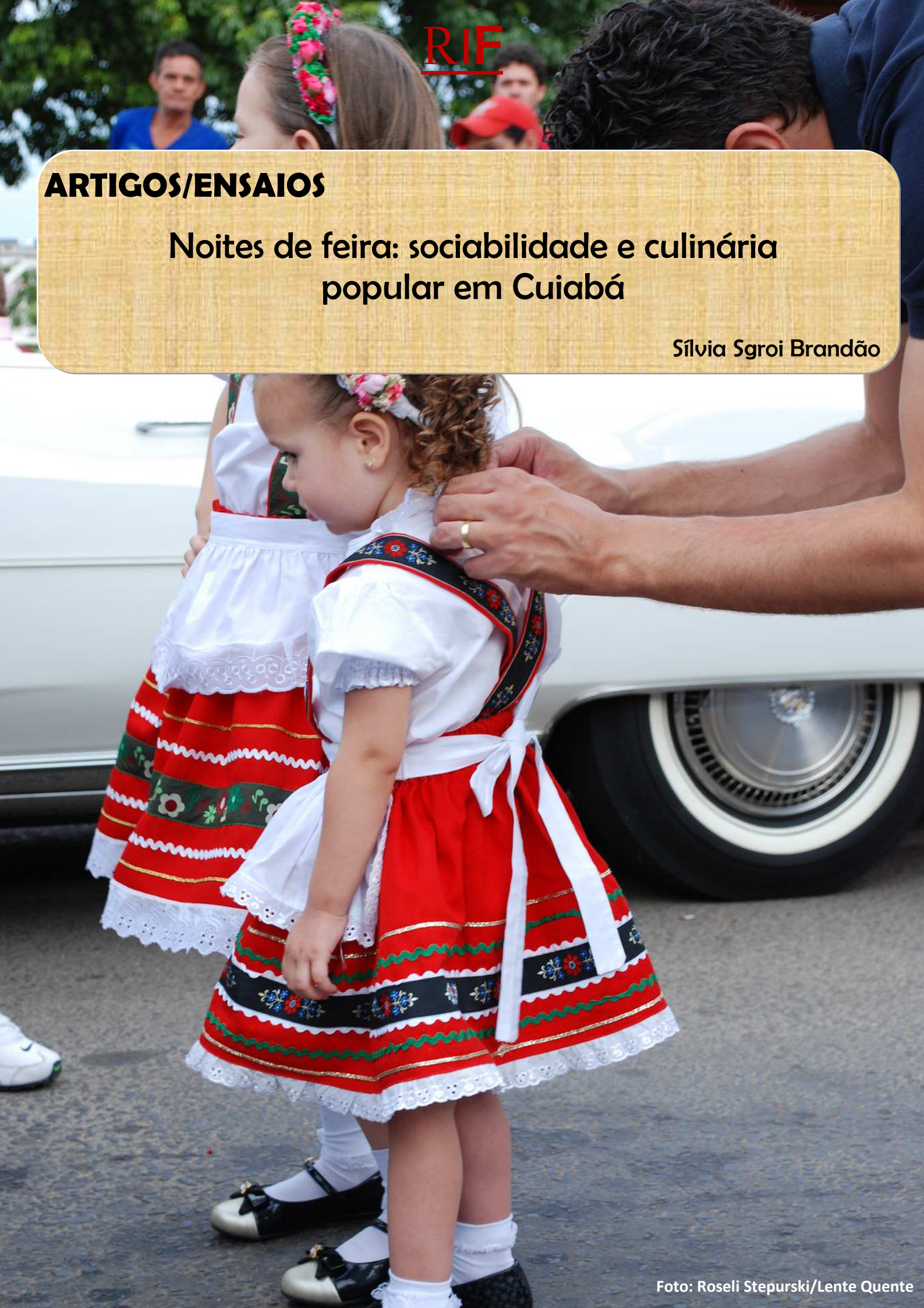


ARTIGOS/ENSAIOS

Noites de feira: sociabilidade e culinária popular em Cuiabá

Sílvia Sgroi Brandão



Noites de Feira: sociabilidade e culinária popular em Cuiabá ¹

Sílvia Sgroi Brandão ²

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma reflexão sobre as feiras que ocorrem em Cuiabá, mais especificamente a “Feira do Boa Esperança” e a “Feira do Bulixo”, tentando entendê-las na perspectiva da folkcomunicação e da visão ritualista. Tem também por objetivo a proposta de apresentar essas feiras como espaços de entretenimento e sociabilidade e o papel do comunicador nesse meio. A importância desse trabalho se dá pelo fato de que, entre outras coisas, faz um diálogo entre a História e a Comunicação, mais especificamente entre a História e a Teoria da Comunicação, disciplinas essas que são, parafraseando Marc Bloch³, “ciências do homem no tempo e no espaço [grifo nosso]” e que caminham praticamente juntas, nesse novo contexto do conhecimento humano.

PALAVRAS-CHAVE

Modernidade, Cultura, Feiras, Folkcomunicação, Visão Ritual.

Nights Fairs: sociability and popular cuisine in Cuiabá

ABSTRACT

This article aims to reflect on the fairs that take place in Cuiaba, specifically the "Fair do Boa Esperança" and "Fair do Bulixo", trying to understand them in the perspective of ritualistic folk communication and vision. It also has the objective of the proposal to provide these fairs as spaces of entertainment and sociability and the role of communicator in this medium. The importance of this work is given by the fact that, among other things, is a dialogue between history and communication, specifically between History and Theory of Communication, these disciplines are, to paraphrase Marc Bloch, "science of man in time and in space [emphasis added] "and that pretty much go together in this new context of human knowledge.

KEYWORDS

Modernity, Culture, Fairs, folk communication, Vision Ritual.

¹ Artigo realizado para a disciplina de Teoria da Comunicação I, Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso e adaptado para apresentação em Simpósio Temático da ANPUH RJ.

² É graduada (2010) e Mestre (2013) em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). É aluna de graduação de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda também pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: silvia.sgroi@gmail.com

³ Ver BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício do historiador**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 2001.

Introdução

A Modernidade é um período histórico que ocasionou uma reviravolta na concepção de mundo que se tinha até então, cujas conseqüências, nos mais variados campos da ação humana, ainda são sentidas nos dias atuais. Dentre os elementos constituintes da Idade Moderna, podemos destacar os seguintes: individualismo; dessacralização das instituições e a constituição da moderna distinção entre público e privado além do conhecimento; crítica epistemológica; surgimento da ciência; intensificação da tecnologia; consciência da importância do fator econômico; nascimento das filosofias nacionais; emergência das ciências sociais; consciência dos signos e da comunicação; cidadania universal.

Esses novos elementos, trazidos pela modernidade, por um lado, são os aspectos externos da libertação dos indivíduos em relação a uma longa série de dogmas que aparentemente estagnavam o conhecimento e a sociedade. Foi essa ruptura que permitiu aos indivíduos confiar, de forma progressiva, na própria capacidade pessoal de buscar a verdade e adquirir conhecimento, rompendo, assim, o monopólio epistemológico da origem divina que prevaleceu durante o período medieval. Mas, por outro lado, tal ruptura também gerou uma série de crises, que gradativamente foram levando à negação da dignidade pessoal humana em nome de utopias sociais que se concretizaram em diversos regimes totalitários ao longo da modernidade.

Ainda demonstrando as várias proposições a respeito do início da era moderna, pode-se destacar a proposta de Richard Morse, que em sua obra *“O Espelho de Próspero”* define a modernidade como a junção de três grandes processos históricos: O Renascimento, a Reforma Protestante e o Capitalismo.

A modernidade seria o encontro desses três fenômenos. O primeiro de cunho intelectual, no qual se tem o pensamento secular, crítico, racional e o individualismo; O segundo de cunho espiritual, no qual há uma quebra no modelo de dominação religiosa, colocando todos os homens e mulheres em um mesmo plano espiritual; e o terceiro de cunho, digamos, econômico, no qual se tem a Revolução Industrial na Inglaterra, relação de mercado e uma nova organização do modo de vida, ocasionando uma transformação da organização e funcionamento das relações sociais, provocadas por novos arranjos produtivos que permitiam a consolidação do capitalismo industrial.

O desenvolvimento da ciência possibilitou o aumento do saber empírico, colocado a serviço das forças produtivas. A moral, distanciando-se cada vez mais da religião, deu

origem a uma ética do trabalho, para Weber, ligada ao protestantismo e motivacional para o desenvolvimento capitalista. Ou seja, houve um rearranjo no sistema econômico e conseqüentemente no comportamento dos indivíduos.

Nessa perspectiva, segundo Max Weber com o advento da modernidade, trazendo consigo o capitalismo houve uma mudança significativa nos modos de vida e no comportamento dos indivíduos. Isso porque o capitalismo, ou melhor, o espírito do capitalismo faz com que esses indivíduos passassem a viver numa outra lógica.

Por modernização cultural Weber nos faz entender a dessacralização e a racionalização das visões de mundo e sua substituição por esferas axiológicas diferenciadas, até então embutidas na religião: a ciência e a moral. Como conseqüência desse processo, o conceito de cultura passa a ganhar visibilidade.

Segundo Roque de Barros Laraia:

no final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a palavra francesa *Civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". Com esta definição Tylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à idéia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos. (LARAIA. 2001: 25).

Em 1871, Tylor definiu cultura como sendo todo o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje. Em 1917, Kroeber acabou de romper todos os laços entre o cultural e o biológico, postulando a supremacia do primeiro em detrimento do segundo. Laraia resume a concepção que kroeber tem de cultura relacionando-a nos seguintes pontos:

A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações. O homem age de acordo com os seus padrões culturais. [...] Os seus instintos foram parcialmente anulados pelo longo processo evolutivo por que passou. [...] Adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas. Como já era do conhecimento da humanidade, desde o Iluminismo, é este processo de aprendizagem (socialização ou endoculturação, não importa o termo) que determina o seu comportamento e a sua capacidade artística ou profissional. [...] A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo. [...] Toda a experiência de um indivíduo é transmitida aos demais, criando assim um interminável processo de acumulação. [...] Assim sendo, a

comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura. (LARAIA. 2001: 52)

Para Laraia o conceito de cultura está relacionado aos hábitos adquiridos pelos homens dentro da sociedade na qual está inserido, ou seja, são suas crenças, arte, moral, leis e costumes, e ainda segundo o autor, cultura independe do fator biológico, o homem não nasce com bagagem cultural, ele a adquire ao longo dos anos. Cultura é toda a possibilidade de realização humana, a evolução do homem somente foi possível devido à capacidade que este tem de aprender. (LARAIA. 2001: 17-28).

Sendo cultura uma capacidade de aprendizado do ser humano, consideramos que as Feiras do “Boa Esperança” e a do “Bulixo” ambas em Cuiabá além de serem espaços sociais também são espaços culturais.

Laraia também trabalha cultura como comportamento humano que depende do uso de símbolos e que para entender o significado desses símbolos é necessário conhecer a cultura que o criou (LARAIA. 2001: 54-55). Neste contexto abordaremos essas feiras como símbolo do resgate das tradições e da cultura popular.

Alfredo Bossi diz respeito às formas como a cultura vem sendo tratada no âmbito historiográfico. Segundo o autor, quando se fala em cultura, logo se remete ao conceito que a entende como um processo que vem sendo trabalhado há muitos anos, ou seja, seria uma espécie de troca, no qual se recebe e se transmite algo. Nesse artigo o autor define que o conceito de cultura, se dá no sentido de uma lógica bastante forte. Ou seja, a cultura como “algo a que se tem”, algo que pertence a determinado indivíduo, no sentido mesmo de propriedade. Essa forma de se entender o conceito de cultura, gera, de certa maneira, uma espécie de distinção desse indivíduo frente aos outros, que no caso “não possuíam essa cultura”. Gera certos privilégios aos seus proprietários, visto que eles deveriam, simplesmente pelo fato de possuí-la, apresentar determinado tipo de comportamento, deveriam também ser poupados de ter que exercer trabalhos considerados mais penosos. Trabalhos esses que deveriam ser exercidos pelos indivíduos desprovidos de cultura.

Ainda nessa perspectiva, essa forma de se exercer a cultura, como propriedade, é muito encontrada em sociedades de classes, e dessa forma é entendida como uma mercadoria ou também como uma forma de herança, que esses indivíduos das altas classes, herdaram de seus familiares. Essa forma de cultura dá direito ao indivíduo e sua classe a ostentar um status, em relação aos outros. Isso tem também como consequência,

na hipótese de Alfredo Bossi, que há dentro da cultura, uma divisão de espaço, fazendo com que ela não seja democrática.

O autor sugere que se deve refletir e buscar mudar essa forma de entendimento da cultura como acúmulo de objetos e de ostentação de privilégios, cultura como um fetiche, ou seja, algo misterioso, inalcançável para dessa forma passar-se a entendê-la como fruto de um trabalho, um processo. Ou seja, como uma espécie de mérito.

Alfredo Bossi, em busca de legitimar essa perspectiva de cultura como um processo, apresenta as origens dessa palavra. Cultura traz uma raiz latina, vem do verbo *colo*, que significava “cultivar a terra, ou seja, está ligado a um trabalho duro, e conseqüentemente ligado a um trabalho de conquista. No caso de Roma, designava uma civilização de raízes agrárias. Já para os gregos, a palavra que mais se aproximava do termo cultura, era *Paidéia*, ou seja, aquilo que se ensina à criança. No entanto, em ambas as concepções, o termo cultura está ligado à trabalho, à esforço, à conquista por parte de quem se dedicou à algo. Portanto não se trata mais de uma questão de classe. O ser humano será culto, na medida em que se dedicar, se esforçar, ou seja, à medida em que trabalhar.

Entendida dessa forma, o autor passa então a refletir a questão da cultura, mais precisamente a cultura popular e o folclore, entendidos como conhecimento do povo, o que se aproxima muito da proposta da folkcomunicação, de Luiz Beltrão.

Segundo ele cultura popular e folclore são palavras sinônimas. Nessa perspectiva Alfredo Bossi afirma que a cultura popular é algo que não morre, visto que enquanto existir povo, essa forma de cultura irá perpetuar na sociedade à qual se destina. Dessa forma, não é necessário se investir na conservação dessa cultura, mas sim se deve investir para melhorar as condições de vida do povo, pois essa é a melhor maneira de se conservar a cultura popular.

A cultura popular, segundo Bossi, ao contrário do que se imagina, não é algo de todo homogêneo e que represente sempre as mesmas coisas. Isso é demonstrado quando ele discorre a respeito dos provérbios. Através de pesquisa ele percebe que muitos desses provérbios, ou ditos populares, são contraditórios tanto em seus conteúdos, quanto em sua forma. Ou seja, podem sofrer variações em suas formas e assim ter vários sentidos.

Na parte final de seu texto, Alfredo Bossi afirma que ao se falar em cultura, conseqüentemente tem-se que falar de sua relação com a memória. Para ele a memória é o centro vivo da tradição. É através dela que a cultura tem a possibilidade de ser transmitida por intermédio do trabalho produzido ao longo da História. Para legitimar essa

afirmação, Bossi recorre a Platão, que afirmava que a memória é ativa e, portanto, aprender é lembrar, lembrar é aprender. Dessa forma, essa memória ativa de que falava Platão, segundo Alfredo Bossi, permite que se tenha acesso à verdade e à democracia.

Nessa perspectiva, o conceito de cultura pretendido por ele, é o de cultura como um processo que é fruto de um trabalho produzido. Isso pode ser entendido quando analisamos as feiras.

Na idade Média o surgimento das feiras se dá como processo de formação da classe social chamada burguesia, mercadores de terras distantes que se reuniam trazendo seus produtos para troca por outros. Essa prática abriu o contato da Europa com outras partes do mundo em especial o Oriente de onde chegavam mercadorias raras e exóticas. Durante a realização das feiras medievais, interrompiam-se guerras, a paz era garantida para que os vendedores, dispostos lado a lado, pudessem trabalhar com segurança.

Segundo Yuji Gushiken a feira é um desses lugares de comércio e degustação de iguarias que os setores populares inventam como modo de vida simultaneamente econômico e cultural” (GUSHIKEN. p. 07). No contexto moderno e contemporâneo, as feiras passam por um processo de reformulação, não só em sua estrutura física, mas também em seu conceito. Essa mudança se dá pelo fato de que agora, as necessidades sociais são outras, ou seja, essas feiras se espelham muitas vezes em *shopping centers* para poder atender as demandas desse novo estilo de vida adotado pelos indivíduos. Com isso, as feiras que geralmente aconteciam nas manhãs de domingo, passam a acontecer em outros dias da semana. E mais, elas passam a acontecer à noite, principalmente em cidades nas quais o clima predominante é o calor excessivo, como é o caso de Cuiabá.

No entanto, o que mais chama a atenção na contemporaneidade é a reformulação que o conceito de feira sofreu. Ou seja, agora as feiras não são mais vistas só como locais nos quais os indivíduos vão para comprar os ingredientes para suas refeições. Essa nova concepção faz com que as feiras ofereçam a refeição pronta. São as chamadas feiras gastronômicas e artesanais. Conseqüentemente isso faz com que esses indivíduos permaneçam por mais tempo nesses locais, o que possibilita que se tornem espaços de entretenimento e sociabilidade.

Nessa perspectiva, as propostas de Luiz Beltrão e de James Carey, nos permite entender as feiras como espaços em que a folkcomunicação e a visão ritual são fortemente perceptíveis, ou seja, são nessas feiras que ocorrem as trocas culturais, visto que as pessoas se encontram, interagem, trocam informações em rodas de conversas.

Trocas essas que muitas vezes não acontecem no dia-a-dia dessas pessoas, devido à correria do mundo moderno, globalizado.

A folkcomunicação e a visão ritualista são propostas de conceitos criados por Luiz Beltrão e James Carey, estudiosos de comunicação. A Folkcomunicação é uma disciplina científica que tem como objetivo o estudo da comunicação popular e o folclore na difusão de meios de comunicação de massa. Luis Beltrão afirma que a folkcomunicação é a comunicação dos marginalizados, ou seja, daqueles que estão à margem da grande mídia e precisam comunicar aos seus pares alguma informação. Então em 1967 Beltrão defendeu a tese de que Folkcomunicação é um estudo dos agentes e dos meios pululares de informação de fatos e expressões de ideias. Folkcomunicação é, assim, o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore.

Já a visão ritual ou ritualista de que nos fala James Carey, está associada à ideia de comunidade, de partilha, relação, associação. Portanto, ao invés de considerar a comunicação como transmissão unilateral de informação com o intuito de controle territorial e social, a visão ritual da comunicação tem em conta os esquemas simbólicos dos indivíduos, resultado das suas experiências no cotidiano pelo qual estabelecem relações interpessoais e coletivas e em que se formam valores e representações associados a práticas dotadas de significado e sentido.

Essas propostas fazem uma crítica ao modelo teórico difusionista, que privilegiava apenas a transmissão de informação de uma forma muito verticalizada. A visão ritual, de Carey, parte de uma abordagem mais cultural e liga-se a termos como, participação, associação e explora termos como “simplicidade”, comunidade.

Nas feiras há também a circulação e consumo de produtos culturais, ou seja, as pessoas passam a mudar seu comportamento, elas passam a se adaptar a essa nova forma de sociabilidade, uma vez que

culturas são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante. [...] A tecnologia, a economia de subsistência e os elementos da organização social diretamente ligados à produção constituem o domínio mais adaptativo da cultura. É neste domínio que usualmente começam as mudanças adaptativas que depois se ramificam. (LARAIA, op.cit. 59-60)

Em outras palavras, não basta a natureza criar indivíduos altamente inteligentes, isto ela o faz com frequência, mas é necessário que coloque ao alcance desses indivíduos o material que lhes permita exercer a sua criatividade de uma maneira revolucionária. É nesse âmbito que se enquadra a economia criativa, que nada mais é do que um conjunto de atividades, convergência de idéias que vem ganhando forças numa economia pós-industrial.⁴

Esse conceito de indústria ou economia criativa tem sua origem nos anos de 1990 e foi um dos grandes geradores de emprego e riqueza, fazendo uso da propriedade intelectual. Esse tipo de economia gera muito dinheiro e atrai vida inteligente, visto que tem como principal insumo a criatividade, a geração de novas idéias, o que ocasiona novas formas de se olhar os problemas já existentes, visando novas oportunidades de produtos e serviços. Os principais setores dessa indústria criativa são: arquitetura, moda, design, software, mercado editorial, TV, cinema, artes visuais, artes cênicas, vídeo, música, publicidade e expressões culturais.

Considerando o fato de que cada país e cada cidade desenvolvem diferentes amplitudes para o tema, nossa visão é de que “Indústria Criativa” deve obrigatoriamente incluir todos os produtos e serviços relacionados ao conhecimento e à capacidade intelectual, não se limitando, apenas, às chamadas “Economias Criativas” ou “Indústrias Culturais”, portanto, não se restringindo aos conceitos originais de Direitos Autorais, Patentes, Marcas Comerciais e Design.

A Economia e Indústria Criativa, ao focarem a criatividade, a imaginação e a inovação, não se restringem a produtos, serviços e tecnologias, englobam também processos, modelos de negócios e modelos de gestão, entre outros. E boa parte desses fatores podem ser identificados nas feiras analisadas nesse trabalho devido à sua multiplicidade étnica e cultural.

Feira do “Bulixo” e Feira do “Boa Esperança”: espaços de economia criativa, folkcomunicação e sociabilidade em Cuiabá

Situada à margem esquerda do rio de mesmo nome, formando uma conurbação com o município de Várzea Grande, Cuiabá possui uma população de 551.350 habitantes, segundo o resultado do Censo do IBGE de 2010. A região metropolitana engloba ainda outros municípios como, Santo Antônio do Leverger e Nossa Senhora do Livramento,

⁴ Vale ressaltar que o Brasil não passou muito por essa experiência. Tendo apenas alguma relevância as cidades nas quais o processo de industrialização teve maior ênfase, como São Paulo por exemplo.

Acorizal e Chapada dos Guimarães, formando um aglomerado urbano próximo de atingir um milhão de habitantes.

Fundada em 1719, a cidade ficou praticamente estagnada desde o fim das jazidas de ouro até o início do século XX. Desde então, apresentou um crescimento populacional acima da média nacional, atingindo seu auge nas décadas de 1970 e 1980.

Nos últimos 15 anos, o crescimento diminuiu, acompanhando a queda que ocorreu na maior parte do país. Hoje, além das funções político-administrativas, é o pólo industrial, comercial e de serviços do estado. É conhecida como "Cidade Verde", por apresentar rica arborização. Cuiabá se limita com os municípios de Chapada dos Guimarães, Campo Verde, Santo Antônio de Leverger, Várzea Grande, Jangada e Acorizal. É um entroncamento rodoviário-aéreo-fluvial considerado o centro geodésico da América do Sul. O município é cercado por três grandes ecossistemas: a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal e ainda é considerada a porta de entrada da Floresta Amazônica.

Entre os principais elementos de sua cultura destacam-se o Cururu, formado por danças e toadas. Só os homens podem participar e as músicas são tocadas na viola de cocho, no adufe e no ganzá. No Siriri, homens e mulheres dançam em fileiras e roda. Suas músicas são cantadas ao som da viola de cocho, do ganzá e do tamburi. O Siriri de roda possui coreografias simples, danças em movimentos de rodas aos pares e os dançarinos tocando com as mãos palmadas, dos outros dançarinos da roda, da esquerda para a direita. O Siriri de fileira é organizado em duas fileiras, uma de frente para outra (homens de um lado e mulheres de outro). O Rasqueado Cuiabano é um ritmo que surgiu da junção da música e da dança da polca paraguaia, dos paraguaios que ficaram presos aqui durante a Guerra do Paraguai e do Cururu e Siriri dos ribeirinhos cuiabanos.

Além do Cururu, do Siriri e do Rasqueado, Cuiabá ainda oferece o Boi a Serra, a Dança de São Gonçalo, o Chorado, a Dança dos Mascarados, a Dança do Congo, a Dança dos Lenços, o Lundum, o Lambadão entre outras.

Sua culinária gira em torno da Maria Isabel, Farofa de Banana, Mojica e Moqueca de Pintado, Pacu assado, Furrundu de Mamão, Bolo de Arroz, Pacu na folha de bananeira, Carne seca com banana, Paçoca de carne seca, Francisquito, Arroz com pequi, Frango com pequi, Lingüiça cuiabana entre outras.

O artesanato cuiabano é conhecido especificamente pela viola de cocho e pelas redes bordadas que hoje fazem sucesso inclusive no exterior. Além disso, têm as bonecas de pano, artesanato em madeira como canoas, pilão, cerâmica (potes, panelas de barro,

vasos, jarros, moringas, etc), trançados feitos de fibras vegetais de taquara, buriti e urumbumba para confecção de cestarias e móveis.

A cidade é bastante procurada para o turismo de negócios e eventos e foi escolhida pela FIFA para sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014, que será realizada no Brasil. Cortada pelo Rio Cuiabá, um dos principais afluentes do Rio Paraguai, Cuiabá tem entre suas principais atrações turísticas, culturais e históricas a Igreja do Rosário e São Benedito, construída pelos escravos no século XVIII; o Museu de Pedras Ramis Bucair, Museu do Rio Hid Alfredo Scaff, Museu do Morro da Caixa D'Água, Centro Geodésico da América do Sul, o Museu Rondon do Índio, a Praça da Catedral e o Arsenal de Guerra (hoje Sesc Arsenal), no bairro do Porto⁵.

Inaugurado em 1832, como Arsenal de Guerra da Capitania de Mato Grosso, tornou-se um símbolo da nacionalidade brasileira e demonstrou a determinação das Forças Armadas. Em 1989 o SISTEMA FECOMÉRCIO/SESC/SENAC-MT adquiriu, através de uma permuta com o Exército, o velho prédio, que é um testemunho da cultura e beleza arquitetônica do estilo neoclássico franco-lusitano.

Após grandes reformas, que respeitaram o tombamento histórico e a necessidade técnica de cada atividade cultural, o Arsenal de Guerra abre suas portas para os artistas e a população em agosto de 2001, como Centro de Atividades SESC Arsenal com belíssimos espaços para o lazer da sociedade cuiabana. É nesse espaço que passa a acontecer todas as noites de quinta-feira o “Bulixo”, palavra do linguajar cuiabano que significa “mercadinho”, mercearia.

Essa feira, Inicialmente tinha apenas 8 a 12 expositores, que faziam divulgação por meio das 5000 tiragem mensais com a programação do Sesc Arsenal (empresa subsidiada por comerciantes sem fins lucrativos). Hoje o “Bulixo” conta com aproximadamente 540 “bulixeiros” cadastrados que expõem seus produtos e recebem pessoas de fora da cidade de do país.

A estrutura física do Sesc Arsenal conta com espaços destinados à choperia; Centro de Realização; Centro de Difusão Musical – Sala de música; Banco de textos; Teatro, que tende produções nas áreas de teatro, dança, música, literatura e outras expressões artísticas; Salão Social – É um espaço destinado a bailes, recitais, lançamentos de livros e para troca de idéias em torno das expressões artísticas; Sala de; Oficina de Idéias – voltada

⁵ O bairro do Porto localiza-se na região Oeste de Cuiabá, sua configuração espacial inicia-se na rua Tenente Coronel Duarte até a avenida Senador Metelo seguindo pela avenida São Sebastião, retornando-se à avenida Miguel Sutil até as margens do rio Cuiabá.

ao exercício da imaginação e da criatividade. Galeria de; Ponto de Artesanato – Expõe e comercializa a singularidade da produção artesanal do Estado de Mato Grosso, com intenção de oportunizar ao turista, no mínimo, o contato imediato com as diferenças nas tendências regionais.

Sua equipe conta com: nutricionistas, técnicos administrativos, técnica em recreação (fundos de administração regional), técnico em artes plásticas, diretores, advogados. Profissionais estes, responsáveis pela qualidade dos produtos e serviços oferecidos.

Quando o Sesc assumiu a feira, implantou algumas regras operacionais, com o objetivo de criar um senso de responsabilidade e coletividade entre eles. Ou seja, a partir desse momento eles tinham um horário estabelecido para começar a organizar as barracas, não podiam ir embora quando bem queriam, mesmo já tendo vendido todos os seus produtos, pois dessa forma estariam ajudando os outros que ainda não venderam a vender, visto que se eles ficassem sozinhos, as pessoas não iriam até eles para comprar.

Tem como diretrizes de ação uma programação polifônica, ou seja, trabalham sob duas perspectivas. Uma voltada para as apresentações artísticas (dança, teatro, literatura, música, cinema, artes plásticas e outra voltada para a DAC (Desenvolvimento Artístico Cultural), essa segunda seria a simultaneidade de atividades que acontecem no espaço. Por exemplo há uma exposição de artes plásticas na galeria de artes e ao mesmo tempo o Sesc oferece uma oficina para ensinar a proposta dessa exposição para a comunidade.

A rede de comunicação dessa feira ocorre de maneira interna e externa. A interna se dá por meio de reuniões e comunicação diária com os expositores. As reuniões ocorrem todas as quintas às 17:00 antes da organização das barracas para transmissão dos informes e das notícias. Os “bulixeiros” assinam um contrato de ciência sobre tudo que foi discutido nessas reuniões.

Já a comunicação externa se dá por vários canais, tais como o “fale conosco”. Uma ferramenta na qual o público tem a oportunidade de mandar um e-mail com suas dúvidas para o Sesc. Cada setor é responsável em esclarecer as dúvidas que lhe são cabidas. Respondem cerca de 80 a 100 e-mails diários. Contam também com a opção das redes sociais como: Facebook, Orkut, Site, Blog, Twitter e Flic. Tem dois funcionários responsáveis pela atualização e divulgação dessas informações e programações. Mas as atualizações não são freqüentes. A divulgação funciona mais através do público que acaba convidando uns aos outros pelo *facebook*.

Essa feira tem como fomento o estímulo ao artesanato e comidas típicas. Manutenção dos saberes e produtos regionais. Conscientizar a população de que o consumo de cultura também é importante. Na perspectiva de Laraia essa atividade é cultural por ser “um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo” (LARAIA, op. cit: 52). Isso faz com que eles tendam a articular suas experiências comuns em torno de certas tradições e valores.

Já a “Feira do Boa Esperança”⁶, que leva o nome de seu bairro ocorre ao ar livre na praça, fundada em Maio de 2009. Foi idealizada por um grupo de moradores descendentes de japoneses. Atualmente essa feira conta com cerca de 10 barracas disposta de acordo com a concepção de uma praça de alimentação dos shopping centers, ou seja, as barracas ficam em forma de círculo e as cadeiras e mesas no centro. Funciona em dois dias da semana, segunda-feira e quarta-feira. Lá comercializam-se apenas comidas típicas cuiabanas e de outras partes do país e do mundo, visto que vai desde a Maria Isabel com farofa de banana, ao yakissoba e sushi (culinária japonesa) e o Kebab (sanduiche difundido na Turquia, Grécia e no mundo árabe). Essa diversidade dos pratos oferecidos faz com que a cidade não seja um lugar de estranhamento ou de monopolização e hegemonia de apenas uma cultura, mas um lugar de trocas, de coexistência simbólica de várias culturas e tradições.

A comunicação se dá de forma mais particularizada, visto que é uma feira pequena, que não pode mais crescer, devido a problemas tidos com moradores da vizinhança, que se sentiram incomodados com os carros que estacionavam em frente às suas garagens. Com isso a comunicação é feita por meio informal, ou em outras palavras, no “boca-a-boca” o que vem contribuindo de forma efetiva para o funcionamento e sucesso da feira. Não trabalham com redes sociais.

Partindo da perspectiva folkcomunicação, ou seja, da dimensão comunicacional que tem como premissa o intercambio de informações, da representação das culturas populares, as feiras analisadas nos permitem constituir um espaço multicultural, cosmopolita e social, visto que a praça passa a ser um local em que se concentram várias culturas que ali reunidas dão uma nova configuração para as relações tanto de trabalho

⁶ Localizada na Praça da Esperança, no Coxipó, região sul de Cuiabá. O bairro Boa Esperança foi construído na entrada sul da cidade, tendo em vista o Rio Coxipó, a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e outros bairros de classe média. Construído urbanisticamente na década de 1970 para acomodar membros do 9º Batalhão e Engenharia e Construção (9º BEC). (GUSHIKEN, p. 08)

quanto de convivência da população. Segundo Gushiken “a experiência urbana em Cuiabá, tem sido marcada pelos processos de subjetivação das identidades e das relações interculturais”. (GUSHIKEN: 13)

Isso seria uma conseqüência da Revolução Industrial, visto que ela criou um tipo de sociedade cuja complexidade está fundamentalmente ligada a uma acentuada divisão do trabalho, a um espantoso aumento da produção e do consumo, à uma articulação de um mercado mundial e a um rápido e violento processo de crescimento urbano. O que faz com que essas sociedades abranjam um maior número de indivíduos devido ao desenvolvimento das forças produtivas. E as cidades contemporâneas, pólos, como Cuiabá, por exemplo, são expressões agudas e nítidas dessas mudanças no modo de vida, o *lócus*, por excelência das realizações e traços mais característicos desse novo tipo de sociedade.

Essa especificidade da vida metropolitana, com sua heterogeneidade e variedade de costumes, vêm contribuindo para uma extrema fragmentação de papéis e domínios, dando um contorno particular à vida psicológica individual. Segundo Gilberto Velho se tomarmos como referencial

qualquer sociedade, poder-se-ia dizer que ela vive permanentemente a contradição entre particularizações de experiências restritas a certos segmentos, categorias, grupos e até indivíduos e a universalização de outras experiências que expressam culturalmente através de conjuntos de símbolos homogeneizadores. (VELHO. 1991: 18)

Trazendo isso para o âmbito das feiras, como espaço cultural de sociabilidade, segundo a proposta de Maffesoli

“a vida cotidiana é um bom revelador do estilo da época, pois destaca muito bem como a existência é determinada pelo sentido do coletivo. “[...] Nesse sentido, a vida cotidiana é essa ‘centralidade subterrânea’, esse ponto nodal, ao qual se pode dar atenção, que se pode esquecer ou negar, mas que nem por isso deixa de constituir o húmus a partir do qual irá crescer toda a vida individual” (MAFFESOLI. 2005. p. 65).

É por isso que cada vez mais se valoriza a vida cotidiana, uma vez que ela modifica o comportamento e a vida em sociedade. O contato com outros grupos e círculos pode afetar vigorosamente a visão de mundo e estilo de indivíduos situados em uma classe sócio-econômica particular, estabelecendo diferenças internas.

Nessa perspectiva, todos os eventos banais, exteriores, referentes ao estilo de vida estão ligados com as prática cotidianas, como ir à feira para conversar, se distrair, ocasionando trocas culturais. Ou nas palavras de Maffesoli

Desligar-se para saborear melhor a proximidade das coisas. Sem obrigatoriamente ter consciência desse desligamento, todo mundo faz isso na vida cotidiana. [...] Numerosas são as ocasiões de todo tipo em que se “soltam as amarras”, em que as pessoas se exilam ou fogem a fim de restituir o sabor àquilo que, sob pesados golpes da rotina, perdeu-se quase totalmente (MAFFESOLI. 2001. p. 77).

Com isso as feiras noturnas são vistas numa lógica ligada num contexto no qual os indivíduos buscam uma espécie de fuga, de busca pela “liberdade”, visto que os acontecimentos impostos pela vida moderna são relações de distancias unidas, ou seja, enquanto a sociedade tende a uniformizar, a unificar e ao mesmo tempo, a separar os indivíduos, a comunidade, por sua vez, como ideal típico, evidentemente, repousa sobre as pessoas que se movem em papéis tipificados e diferentes e sob estreita articulação entre eles. Assim os valores do estranho e do estrangeiro, ali presentes nessas feiras, tem seu lugar na construção simbólica da realidade social.

Considerações finais

Este trabalho buscou analisar as feiras do “Bulixo” e do “Boa Esperança” na perspectiva da folkcomunicação e da visão ritual, modelos comunicacionais propostos por Luiz Beltrão e James Carey. Partindo desses modelos de análise, buscamos entender esses locais como um mundo cultural comunitário, pois além de ser uma forma de comunicação que a sociedade desenvolve, ela ainda permite que sejam perpetuadas as representações de crenças que são compartilhadas nas diferentes culturas que fazem parte desse universo das feiras.

Isso gera um processo social em que essas representações ainda que simbólicas produzam a interação humana, mesmo que em escalas interpessoais. Visto que a organização dessas feiras, as formas como as pessoas se comportam, a forma como interagem, o que as motivam à ir nesses espaços, que significado eles têm em suas vidas propiciam que eles sejam vistos tanto do campo da História, como no campo da Comunicação Social, como espaços de sociabilidade e passem a ter uma importância cultural relevante. O que gera uma produção de sentido relacionada em sua dimensão comunitária.

Nessa perspectiva, é papel do historiador e do comunicador saber entender esses espaços, não como simples lugares que agregam pessoas “desocupadas”, mas como um local em que as pessoas desenvolvem um conjunto de atividades, se divertem, adquirem informação. Ou seja, deve-se entender que a comunicação nesses espaços se dá de forma

a privilegiar menos a transmissão de informação, mas como uma troca intercultural que dá forma à uma ordem social e à vida em comunidade. Isso porque somente o fato dessas pessoas se reunirem nesses lugares (feiras) já constitui uma forma de comunicação, visto que esses encontros são vistos como rituais, ou seja, há uma repetição. Sendo um processo de comunicação, no modelo proposto por Carey, significa que há uma constante interação entre os indivíduos e a coletividade.

Assim, o que está abaixo destas ordens políticas e econômicas é a ordem ritual, problematizada por Carey na medida em que, na sociedade americana, a noção de cultura tenha partido mais de um insistente individualismo típico da sociedade de consumo, não sendo por acaso que, como ele mesmo relembra, a vida psicológica em geral seja colocada acima da realidade social. (GUSHIKEN, 2008: 05).

Nessa perspectiva as feiras como espaços de sociabilidade, como processo de ritualização vêm quebrar essa visão individualista, visto que esses indivíduos, membros da comunidade (pessoas do próprio bairro e de bairros próximos, ou mesmo de outros lugares) se reúnem semanalmente nesses espaços e lá desfrutam de boas comidas, além de ser também o que Maffesoli define de “fugas”, “escapes” como forma de entretenimento, para se esquecer, mesmo que por alguns instantes, as agitações do cotidiano.

Desde os primórdios da existência do ser humano há registros sobre o encontro entre membros das comunidades, o que hoje se define pela formação da vida social em sua mais ampla complexidade. Questões relativas a caças, planos de guerras e questões familiares já eram definidas em reuniões para se discutir quais ações seriam realizadas. A prática despertou nas civilizações futuras, representadas por uma cidade ou uma região, a necessidade de produzir espaços específicos para realizar essas reuniões. Com essa necessidade dos encontros tornando-se visível, a atividade de reunir pessoas passou a significar renda nas demandas por hospedagem, alimentação e transporte. Para aprimorar suas relações com a família, o trabalho, ou seja, dinamizar o convívio social, o homem tem organizado e participado de “reuniões” que hoje se caracterizam como eventos. (SANTANA, 2010: 03)

Portanto, o que se pode retirar dessa análise feita nas feiras, é que o estilo cotidiano pode, em certas épocas dar forma e sentido à sociedade. Ele não dita como é conveniente se comportar e porque se deve ou não fazer isso ou aquilo, contenta-se apenas em favorecer, ou mesmo em tolerar o uso dos prazeres, sejam eles quais forem, como condição de possibilidade de um estar - junto equilibrado e isso só é permitido quando se passa a valorizar o bem-estar coletivo, visto que essas feiras, como espaços de sociabilidade e geração de economia criativa passam a contribuir na socialização dos

bairros, fazendo com que eles se tornem menos perigosos, pois levam as pessoas à freqüentá-los em horários que antes eram considerados perigosos. E é papel do historiador e do comunicador desenvolver mecanismos para se entender e buscar melhorar esses espaços que são tidos como espaços de representação da comunicação cultural dos indivíduos em sociedade. **RIF**

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília. EdUNB, 1999.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1998

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. Porto Alegre. EdiPUCRS. 2001.

_____. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo. Umesp, 2004.

BOSSI, Alfredo. *Cultura como tradição*. In. **Cultura Brasileira: tradição e contradição**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar/Editor Funarte, 1997. p. 31-58.

COSTA, Maria de Fátima; DIENER, Pablo. **Cuiabá: Rio, Porto, Cidade**. Cuiabá – Secretaria Municipal de Cultura. 2000.

GUSHIKEN, Yiji; SILVA, Lawrenberg Advíncula; MAGALHÃES, Adoniram Jubson Almeida de. **Rumores e sabores de uma feira: culinária popular e cosmopolitismo banal em Cuiabá**.

GUSHIKEN, Yuji. **Visão ritual e folkcomunicação: modelos teóricos e abrangência do campo da Comunicação**. In. III Colóquio Brasil-EUA de Ciências da Comunicação. INTERCOM, 2008.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14.ed. . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre. Artes e Ofícios, ed. 1995.

_____. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro. Record. 2001.

MORSE, Richard. **O Espelho de Próspero**. ISBN: 8585095733. Companhia das Letras. Ed. 5ª. 2000.

SANTANA, Alberto Ferreira Queiroz; GUSHIKEN, Yuji. **Eventos em Cuiabá: A cidade como espaço de fluxos de informação**. In. INTERCOM XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010.

SEGURA, Ailton José. **Boa Esperança: bairro de paus-rodados que vieram construir a Amazônia**. Cuiabá. 2010.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro. Zahar, 1991.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo. Companhia das Letras. 2004.

<http://www.cuiaba.mt.gov.br> [visitado em 03/12/2011, às 20:38]

<http://www2.metodista.br/unesco/luizbeltrao/luizbeltrao.htm> [visitado em 01/-4/2013, às 13:00]